

Quem conta um conto... ops!

A tale never loses in the telling... oops!

Mônica Fiuza Bento de Faria*
monicafiuzabf@gmail.com
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO: O artigo propõe a leitura do conto *O tradutor cleptomaniaco* do escritor húngaro Dezső Kosztolányi através de 'lentes' baseadas na psicanálise de Sigmund Freud.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise. Freud. Tradução.

ABSTRACT: This article aims to analyze *The Kleptomaniac Translator*, a short story by the Hungarian writer Dezső Kosztolányi through the lens of Sigmund Freud's psychoanalysis.

KEYWORDS: Psychoanalysis. Freud. Translation.

* Doutora em Letras pela Universidade Federal Fluminense

Introdução

Na estação das barcas, na praça XV, no Rio de Janeiro, à espera do embarque, compro um exemplar da revista *Mente & Cérebro*, que folheio no trajeto. Na página 9, leio no artigo de Christoph Koch, professor de biologia cognitiva e comportamental do Instituto de Tecnologia da Califórnia, USA, um relato de experiência do neurocientista Moran Cerf, Fried e colegas a respeito de uma paciente submetida ao estímulo da imagem de Marilyn Monroe. Cito uma passagem:

[...] Quando ela (a paciente) se concentrava na loira sensual, o neurônio associado (aquele que codifica um conceito) aumentava a taxa de ativação e as células para o 'conceito competitivo' diminuía sua atividade [...]. Enquanto isso, a grande maioria dos neurônios permanecia inalterada.

É como se houvesse duas pessoas envolvidas nesse experimento, lembrando a forma como o títereiro Craig ocupava a mente do ator John Malkovich no filme 'Quero ser John Malkovich', de 1999. Uma é a mente da paciente, instruindo seu cérebro a pensar em Marilyn. A outra é a que está agindo contra a vontade consciente – isto é, as células neurais do lobo parental medial que regulam os correspondentes aumento e redução da atividade. Mas ambas são parte do mesmo cérebro. Então quem controla quem? Quem é o títereiro e quem é o títere?

[...] Na verdade, a mulher não tem absolutamente ideia alguma do que se passa em sua cabeça.[...].

Ao ler este artigo, pensei imediatamente nos trabalhos de Freud. No artigo, não havia nenhuma citação nem referência aos estudos ou escritos de Freud. Mas como? Será que a neurociência anda provando aquilo que Freud já intuía e escrevera, com os dispositivos que dispunha na sua época, há 100 anos? Será que ainda há resistência à Psicanálise? Talvez sempre haja.

Poderia também, considerar que o autor apenas se esqueceu de mencionar os trabalhos de Freud. Será este esquecimento vazio de 'sentido'

ou ‘significação’? Ou será apenas sua ignorância sobre a psicanálise? Para Freud muito pouco ou nada daquilo que nos acontece é anódino.

1 Sonhos, Parapraxias, Chistes

Na história da humanidade, podemos considerar três grandes ‘acontecimentos’ marcantes ou ‘feridas narcísicas’: a teoria de Copérnico (1542), que Galileu (1633) mostrou posteriormente, tirando a terra do centro do universo; a teoria evolucionista de Darwin (1859) sobre a origem das espécies e suas evoluções e a primeira tópica de Freud (1900), em que mostra que a mente humana, e somente ela, é composta de inconsciente, pré-consciente e consciente. Talvez o computador/a Internet e/ou o projeto genoma humano (2003) possam vir em quarta posição.

Para ele, *o homem não é senhor de sua própria casa*, pois o inconsciente quer dizer algo, se manifesta, comparece sem ‘ser convidado’. Nele residem nossas pulsões, desejos, medos, recalques. Não podemos controlá-lo, nem na vigília nem no sono/sonho.

A psicanálise parece bem mais simples do que os experimentos dos laboratórios. Na definição de Freud:

[...] *nada acontece em um tratamento psicanalítico além de um intercâmbio de palavras entre o paciente e o analista. O paciente conversa, fala de suas experiências passadas e de suas impressões atuais, queixa-se, reconhece seus desejos e seus impulsos emocionais* (FREUD, 1915-1916, p. 27).

Freud percebeu as manifestações do inconsciente em si mesmo e em seus pacientes através dos relatos, das lembranças e principalmente dos sonhos. De suas primeiras observações sobre os sonhos produz o texto *A interpretação dos sonhos*, publicado em 1900.

Durante sua pesquisa, tocou mais de uma vez no tópico adicional da natureza geral, das modificações por que passa o material dos pensamentos do sonho para fins de formação de um sonho. Percebeu que esse material, despojado em grande parte de suas relações, é submetido a um processo de condensação, comprimindo vários elementos do conteúdo latente (aquilo que o inconsciente ‘quer dizer’), enquanto que, ao mesmo tempo, os deslocamentos de intensidade entre seus elementos promovem necessariamente uma

transposição psíquica dos valores do material. Os deslocamentos que examinados mostraram consistir na substituição de alguma representação particular por outra estreitamente associada a ela em algum aspecto, e foram utilizados para facilitar a condensação, na medida em que, por meio deles, em vez de *dois* elementos, um único elemento intermediário comum a ambos penetra no sonho. As análises mostraram, contudo, que existe outra espécie, e que ela se revela em uma mudança da *expressão verbal* dos pensamentos em causa. Em ambos os casos, há um deslocamento ao longo de uma cadeia de associações; mas um processo de tal natureza pode ocorrer em várias esferas psíquicas, e o resultado do deslocamento pode ser, em um caso, a substituição de um elemento por outro, enquanto o resultado em outro caso pode ser o de um elemento isolado ter sua *forma verbal* substituída por outra. Essa segunda espécie de deslocamento que ocorre na formação dos sonhos tem não apenas grande interesse teórico, como é também especialmente adequado para explicar o aparecimento do fantástico absurdo em que os sonhos se disfarçam. A direção tomada pelo deslocamento geralmente resulta no fato de uma expressão insípida e abstrata do pensamento onírico ser trocada por uma expressão pictórica e concreta. A vantagem e, conseqüentemente, o objetivo dessa troca saltam os olhos (FREUD, 1900-1901).

No entanto, Freud deu continuidade a sua investigação e, assim, percebeu que, cito:

[...] determinados fenômenos muito comuns e muito conhecidos, os quais, porém, têm sido muito pouco examinados e, de vez que podem ser observados em qualquer pessoa sadia, nada tem a ver com doenças.

São o que se conhece como 'parapraxias', às quais todos estão sujeitos. Pode acontecer, por exemplo, que uma pessoa que tenciona dizer algo venha a usar, em vez de uma palavra, outra palavra (um lapso de língua), ou possa fazer a mesma coisa escrevendo, podendo, ou não, perceber o que fez.

Ou uma pessoa pode ler algo, seja impresso ou manuscrito, diferentemente do que na realidade está diante de seus olhos (um lapso de leitura), ou ouvir errado algo que lhe foi dito (um lapso de audição) – na hipótese, naturalmente, de não haver qualquer perturbação orgânica de sua capacidade auditiva. Outro grupo desses fenômenos tem como sua base o esquecimento – não, no entanto, um esquecimento permanente, mas apenas um esquecimento temporário.

Assim, uma pessoa pode ser incapaz de se lembrar de uma

palavra que conhece, apesar de tudo, e que reconhece de imediato, ou pode esquecer de executar uma intenção, embora dela se lembre mais tarde, tendo-a esquecido apenas naquele determinado momento. Em um terceiro grupo o caráter temporário está ausente – por exemplo, no caso de extravio, quando a pessoa

colocou uma coisa em algum lugar e não consegue encontrá-la novamente, ou no caso precisamente igual de perda. Aqui temos um esquecimento que tratamos diferentemente de outras formas de esquecimento, um caso em que ficamos surpresos ou aborrecidos em vez de considerá-lo compreensível.

Além de tudo isso, há determinadas espécies de erros, nos quais o caráter temporário está presente mais uma vez: pois, no caso destes, por um certo espaço de tempo acreditamos saber algo que, antes ou depois desse período, na realidade não sabemos. E existem numerosos outros fenômenos semelhantes, conhecidos por diversos nomes.

Todas essas são ocorrências cuja afinidade interna recíproca é expressa pelo fato de [em alemão] sua designação começar com a sílaba ‘ver’. Quase todas carecem de importância, na maioria são muito transitórias e são destituídas de muita importância na vida humana. Apenas raramente, como no caso da perda de um objeto, um fenômeno desses assume certo grau de importância prática. Também por esse motivo chamam pouco a atenção, fazem surgir nada mais que tênues emoções, e assim por diante.

É para esses fenômenos, também, que agora proponho chamar a atenção [...] por que uma pessoa com olhos e ouvidos não pode ver e ouvir, em plena luz do dia, coisas que não se encontram ali; por que outra pessoa subitamente pensa estar sendo perseguida pelas pessoas das quais foi, até então, muito amiga, ou apresenta os mais engenhosos argumentos em apoio de suas crenças delirantes, que qualquer criança poderia ver que são disparatadas, então deveríamos ter algum apreço pela psicanálise. Entretanto, se ela não pode fazer mais que nos pedir para considerarmos por que um orador, num banquete, emprega uma palavra em vez de outra, ou por que uma dona de casa extraviou suas chaves, e futilidades semelhantes [...] (FREUD, 1915-1916, p. 35-36).

Para a psicanálise, o material observado é geralmente proporcionado pelos acontecimentos banais, postos de lado pelas demais ciências como sendo bastante insignificantes – o refugo. Às vezes, existem coisas muito importantes que, sob algumas condições e em determinadas épocas, só se podem revelar por indicações bastante simples.

Freud demonstrou a importância dessas parapraxias ou atos falhos no texto *Sobre a Psicopatologia da vida cotidiana*, publicado em 1901. Para ele, os atos falhos se dividem em três grandes categorias:

- As perturbações da memória
- As perturbações da linguagem
- As perturbações do controle motor

O lapso dos atos falhos é um compromisso entre o pensamento reprimido e a força repressora, em que ambos são vencidos e vencedores, visto que o pensamento reprimido só se manifesta sob uma forma distorcida (condensação e/ou deslocamento), assim, a força repressora consegue apenas mascarar o 'seu fracasso'. Os atos falhos são bem sucedidos para o inconsciente. Eles são o deslize, o 'ops' ('foi mal') do recalque. Na psicanálise de Freud não há lugar para o acaso, tudo deve ser ou pode ser levado em consideração, não se pode subestimar os pequenos indícios; pois, com sua ajuda pode-se obter êxito ao seguir a pista de algo maior.

Freud, também investigou os chistes ou gracejos, na mesma linha dos atos falhos. Nas suas palavras:

[...] O efeito cômico dos chistes deriva de 'desconcerto e esclarecimento', o contraste entre 'sentido e nonsense' torna-se significante. 'Aquilo que, em certo momento, pareceu-nos ter um significado, verificamos agora que é completamente destituído de sentido. Eis o que, nesse caso, constitui o processo cômico... Um comentário aparece-nos como um chiste se lhe atribuímos uma significância dotada de necessidade psicológica, e tão logo tenhamos feito isso, de novo o refutamos. Essa "significância" pode querer dizer várias coisas. Atribuímos sentido a um comentário e sabemos que logicamente ele não pode ter nenhum. Descobrimos nele uma verdade, fato impossível de acordo com as leis da experiência ou com nossos hábitos gerais de pensamento. [...] (FREUD, 1905, p. 25-26).

Assim, um chiste é um juízo que produz contraste cômico, ou seja, um juízo lúdico. Encontramos condensação acompanhada pela formação de um substituto, permitindo a satisfação de um impulso obsceno e/ou hostil, permitindo 'dizer sem realmente dizer', de forma humorística, disfarçada, apesar da repressão. Há sempre um jogo de palavras, um duplo sentido, que

faz rir, escondendo o desejo inconsciente. A saída pelo humor deixa-nos no convívio social mais ‘protegidos’.

2 Quem conta um conto...

Há um famoso chiste, citado no texto de Freud, *‘Traduttore – Traditore!’* (FREUD,1905), hoje quase não provoca o riso, pois ao ser incorporado no senso comum e adquirir status de verdade, perdeu a relação de *‘desconcerto e esclarecimento’*, o contraste entre *‘sentido e nonsense’*.

No entanto, foi a partir dele que me lembrei de um conto de Dezső Kosztolányi, escritor húngaro (1885-1936), contemporâneo de Freud, que li na tradução e, certamente, na ‘traição’ de Ladislao Szabo.

Resumo aqui o primeiro conto que relata as histórias de Kornél Esti:

É o relato da história de Gallus, um jovem húngaro “talentoso, eletrizante, intuitivo, consciencioso e culto também. Fala várias línguas. Sabia inglês tão bem, que dizem que o príncipe de Gales tomara aulas particulares com ele. Havia morado quatro anos em Cambridge” (KOSZTOLÁNYI, 1996, p. 7), que, após ter passado dois anos aprisionado em Budapeste por conta de um furto cometido em Viena, voltou a se envolver em uma história policial em função de seu impulso por subtrair coisas alheias. Ao sair da prisão, pouco restou a ele a não ser aceitar traduzir um romance policiaisco inglês, desses com os quais os tradutores só se envolvem em caso de extrema necessidade e, quando o fazem, usam luvas (KOSZTOLÁNYI, 1996, p. 8). A tradução por ele feita não continha qualquer escorregão: “frases claras, mudanças engenhosas, montagens linguísticas espirituosas se sucediam, muito mais dignas que o original.” (KOSZTOLÁNYI, 1996, p.8). Foi considerada “fluente, artística e por vezes poética” (KOSZTOLÁNYI, 1996, p. 9).

No entanto, depois de uma minuciosa comparação entre original e tradução, vejam bem:

No original em inglês:

“As trinta seis janelas do velho castelo, desgastado pelo vento, brilhavam. No primeiro andar, no salão de baile, quatro lustres de cristal iluminavam luxuosamente...”

Na tradução para o húngaro:

“As dezessete janelas do velho castelo, desgastado pelo vento, brilhavam. No primeiro andar, dois lustres de cristal iluminavam luxuosamente...”

Na terceira página, em inglês lê-se:

“Com um sorriso irônico, o conde Vitsislav abriu sua carteira recheada e atirou a quantia pedida, mil e quinhentas libras...”

Na tradução:

“Com um sorriso irônico, o conde Vitsislav abriu sua carteira recheada e atirou a quantia pedida, cento e cinquenta libras...”

E mais adiante, em inglês:

“A condessa Eleonora estava sentada num dos cantos do salão de baile, vestida para a noite, usando as velhas joias da família: tiara de diamantes, herdada da sua tataravó, esposa de um príncipe alemão; sobre seu colo de cisne, pérolas verdadeiras de brilho opaco; seus dedos quase se enrijeciam com os anéis de brilhante, safira, esmeralda...”

Na tradução:

“A condessa Eleonora estava sentada num dos cantos do salão de baile, vestida para a noite.”. E ponto final.

Descobriu-se, então, que Gallus havia afanado do texto original “1.579.251 libras esterlinas, 177 anéis de ouro, 947 colares de pérola, 181 relógios de bolso, 309 brincos, 435 malas, sem falar das propriedades, florestas, pastos, castelos de príncipes e barões, e outros objetos menores, lenços, palitos de dente, campainhas, cuja listagem seria muito comprida e

talvez inútil” (KOSZTOLÁNYI, 1996, p. 10).

Gallus era um cleptomaníaco, e esse é um resumo de “O Tradutor Cleptomaníaco” – conto que dá título à coletânea do escritor e poeta húngaro Dezsö Kosztolányi.

Penso que o ‘engano’ de Gallus poderia bem ilustrar aquilo do qual nos fala Freud.

Para concluir

Acredito na eterna traição. Há sempre traição. ‘Traição’ também nas ‘transas’ do nosso inconsciente com nosso consciente ou ainda, considerando a segunda tópica de Freud, do Id com o Ego e com o Superego,.

E sendo os tradutores, seres humanos constituídos de Id, Ego e Superego, como fugir dos atos falhos e da insistência do inconsciente em se manifestar da maneira que pode e quando quer?

Referências

FREUD, S. *A interpretação do sonho*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. vol 4-5.

_____. *O chiste e sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. 8.

_____. *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. 6.

_____. *O futuro de uma ilusão: o mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. 21

KOSZROLÁNYI D. *O tradutor cleptomaníaco*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

MENTE & Cérebro. Edição especial n. 50, Neurociência 2, Ano XXI, junho/julho 2015, p. 9.